



Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-Methodológicas
Caruaru, 13 e 14 de setembro de 2012

Eixo temático 4 : Formação de professores

A TRAJETÓRIA DA FILOSOFIA NO PRÉ-ACADÊMICO: SENTIDOS QUE EMERGEM DE UMA PRÁTICA

OLIVEIRA, Janice da Silva- UFPE

SANTIAGO, Maria Betânia do Nascimento- UFPE

RESUMO: O ensino da Filosofia nas escolas brasileiras passa por mudanças, com aprovação da obrigatoriedade da disciplina pela Lei Nº 11.684 de 2008, além da integração tais saberes aos processos seletivos das universidades Públicas. Assumindo os desafios desse contexto, o projeto de extensão Pré-Acadêmico – *Superação*, da UFPE, destinado a estudantes de escolas públicas do Agreste de Pernambuco, introduziu em 2010 as disciplinas filosofia e sociologia como componente curricular de sua proposta. O presente trabalho objetiva descrever os elementos que se descortinam nessa experiência já em curso há dois (02) anos. O exercício de teorização realizado a partir dessa descrição assume um enfoque fenomenológico-hermenêutico, por meio do qual se busca desvendar pressupostos implícitos na realidade analisada. Os resultados revelam a contribuição das práticas de ensino na familiarização do jovem com a disciplina, além do reconhecimento do papel da filosofia para formação do aluno.

Palavras-chave: Filosofia- Práticas de Ensino- Formação

Introdução

A trajetória do ensino de Filosofia na educação pública conheceu momentos de ascensão e declínio, pois tais saberes no período colonial eram reservados apenas para elite dirigente do país (Cf. MAZAI; RIBAS, 2001). Tal postura se manteve até meados do século XX, quando inicia-se o debate sobre a formação crítica e reflexiva como um direito para todo cidadão.

A repercussão destes debates eclodiu com a aprovação da Filosofia como disciplina obrigatória nas três series do ensino médio por meio da Lei Nº 11.684 de 2008, o que se constitui numa significativa expressão dessa área de conhecimento, ao

mesmo tempo em que esse fato revela os grandes desafios para a sua consolidação. A história ainda recente de inconstância e condição facultativa dessa disciplina nas escolas de ensino médio tem dificultado a consolidação da sua identidade, do seu papel na formação dos jovens, e dos pressupostos epistemológicos e metodológicos orientadores das práticas docentes, assim como dos conteúdos sugeridos para elaboração de uma proposta que valoriza a experiência do pensar.

Paralelamente a esse quadro, vem crescendo o interesse por essa área de conhecimento no decorrer dos anos, pois a presença da filosofia na formação dos jovens assinala uma importante contribuição para o desenvolvimento do senso crítico. Sensível à problemática, o Projeto de Extensão Pré-Acadêmico – *Superação* vem assumindo o desafio de inserir essa disciplina, juntamente com a sociologia em seu quadro. O ensino de Filosofia e Sociologia desde 2010. A experiência em curso atendente a uma demanda formativa que remete a inclusão de tais saberes nos processos de seleção às Universidades, tais como o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) e dos Vestibulares, sobretudo das instituições públicas. O curso preparatório foi pensado para atender ao jovem da classe popular que almeja oportunidades iguais para enfrentar os vestibulares. Este curso oferece aos concluintes do ensino médio das escolas públicas da região suporte para processos seletivos realizados pelas universidades.

Este artigo objetiva descrever novos elementos que se configuram na experiência desenvolvida no Projeto *Superação*, que se relaciona com as mudanças na forma de ver e conviver com a filosofia nas escolas, que por sua vez reflete na concepção do jovem acerca do conhecimento filosófico. Buscamos aqui discutir algumas questões que emergem da prática assumida pelo monitor da disciplina, considerando a preocupação de compreender o significado que versa pela valorização do pensar latino americano como forma de expressão e aproximação do aluno com a filosofia. O exercício de teorização realizado a partir dessa descrição assume um enfoque fenomenológico-hermenêutico por sua especificidade discursiva, que permite a investigação e interpretação dos relatos de experiências revelando dados implícitos acerca dos fenômenos que se descortinam nas vivências dos alunos. Essa metodologia permite, sobretudo, uma reflexão acerca de alguns conceitos relacionados à filosofia aliado a percepção do contexto histórico no qual se insere a problemática descrita, pois a inserção da disciplina no currículo do projeto de extensão apresenta uma realidade que remete a uma historicidade educacional, que por sua vez constrói o pano de fundo

das inferências dos alunos que vivenciam as constantes mudanças. Tais elementos perpassam a compreensão do monitor que atua como sujeito- pesquisador.

A experiência vivenciada sob este olhar revela que o contato prévio do aluno com a filosofia desmistifica a visão historicamente construída de que tais saberes são alheios à realidade, ao mesmo tempo em que faz emergir questionamentos sobre a identidade cultural da disciplina. Observa-se que esses fatores se relacionam com a abordagem metodológica assumida pelo curso, aliado ao aumento da carga horária.

Essa leitura é apresentada em três tópicos que caracterizam a problemática. No primeiro tópico empreendemos uma pesquisa sistemática sobre o ensino de filosofia nas últimas décadas para compreender as atuais transformações. Os dois tópicos seguintes abordam os aspectos que surgem do contato do jovem com a filosofia no contexto das mudanças no cenário educacional e as contribuições de uma prática de ensino assentada no pensar latino-americano. Diante do exposto esse exercício de teorização visa compreender o que foi feito na área de filosofia para atender aos alunos do curso preparatório e as conseqüências destas ações educacionais em suas formas de ver e conviver com a filosofia.

1. O retorno da Filosofia as currículos: desafios para sua consolidação.

O momento de maior instabilidade do conhecimento filosófico nas escolas nas escolas secundárias ocorreu no período ditatorial, quando tais saberes foram vítimas de questionamento sobre sua importância para educação, assumindo um caráter facultativo nas propostas de ensino das instituições públicas, sendo suprimida totalmente, conforme indica Cartolano (apud GIOTTO, 2005, p.323):

A condição de disciplina optativa do estabelecimento de ensino segundo previa a resolução n° 36,30 de dezembro de 1968, veio facilitar a supressão definitiva da filosofia, em 1971 com a lei n° 5692, que tornou profissionalizante o ensino de 2° grau.

Tal reorganização do ensino desencadeou um processo de valorização da empregabilidade e da inserção no mercado de trabalho neste nível. Durante as décadas de 70 e 80 o ensino nas escolas públicas estava direcionando para aprendizagem de conteúdos científicos e tecnológicos (SANTOS, ANDRIOLI, 2005, p.4). Tais

determinações acarretam a perda de espaço não apenas do campo filosófico mais de boa parte das disciplinas da área das ciências humanas. Com efeito, na década de 90 evidenciam-se mudanças nos currículos escolares. Nesse contexto, surge a LDB 9.394/96, assume a problemática propondo o desenvolvimento de conhecimentos filosóficos por parte dos estudantes das três séries do ensino médio, na escola pública e privada. (BRASIL, 1996). Entretanto é importante destacar que esta conquista não reintegra definitivamente a filosofia como disciplina ao currículo, pois de acordo com a Resolução CNE/CEB nº 03/1998, este retorno deveria ser feito de forma interdisciplinar. Em reposta, ocorre mobilizações tanto no Senado como dos profissionais da área a favor da reintegração definitiva. Durante esse período, acontece o veto pelo então presidente, Fernando Henrique Cardoso, do projeto de Lei nº 3.178, o que nas palavras de Carbonara (Apud GIOTTO, 2005,p.317). Representa o “Golpe da caneta presidencial”. Como justificativa para esta atitude, é alegada a falta de profissionais para atender as escolas, e os altos custos dessa inserção. Sendo a sua universalização ainda um problema a ser resolvido.

A repercussão das lutas dos educadores durante anos 2000, com o ato do Vice presidente, José de Alencar no exercício do cargo como presidente, que sanciona a Lei Nº 11.684 em 2008, determinando o retorno obrigatório dessas disciplinas. A partir do sancionamento da lei é estipulado um prazo de três anos, a contar de 2009, para que ela seja oferecida, as três séries do ensino médio, pela imposição da resolução do Conselho Nacional de Educação - CNE. Ao mesmo tempo em que se organiza o currículo do ensino médio para promover a disciplina. O CNE também considera oportuno inserir estes conhecimentos nos processos seletivos para universidades, demonstrando, claramente outra face desta inserção, que perpassa a preocupação com a formação do jovem.

Nessa perspectiva, ressaltamos a necessidade de atenção aos jovens sem essa formação, até aquele momento, sem o domínio desses conhecimentos para enfrentar processos seletivos. Trata-se de uma realidade em construção, e o que se evidencia, infelizmente é que a maioria dos estudantes se vê surpreendido com novas exigências para galgar uma vaga em universidades. De certa forma, já é possível sentir os impactos do retorno agora obrigatório da Filosofia à escola, seja no ENEM, seja nos processos seletivos das Universidades Públicas e Particulares. As escolas, cursos preparatórios, devem se adequar as novas orientações e oferecer aos seus alunos conteúdos filosóficos

em sua formação e preparação para Universidade. Ao que parece, o aprendizado que já está sendo cobrado nesse exame, ainda não está em construção.

2 – Filosofia e Pré-acadêmico: Sentidos que emergem dessa adesão

A inserção da filosofia como componente curricular da proposta do pré-acadêmico *Superação* corresponde às mudanças no âmbito educacional. A experiência e conduzida por uma monitora do curso de graduação, sob orientação de uma professora com formação na área. As aulas acontecem em sábados intercalados com duas horas mensais para cada disciplina, tendo como público alvo, jovens de instituições públicas da região que enfrentaram no ano de 2012 processos seletivos para as universidades.

Tal indicativo remete a uma análise sobre o perfil desses alunos que estão concluindo o ensino médio nas instituições públicas atualmente. Tendo em vista que integram a parcela mais afetada pela educação de cunho tecnicista das últimas décadas. De acordo com dados da IDB¹ correspondentes a 2009, este nível de ensino apresenta indicadores de crescimento insatisfatório, indicando que os jovens têm dificuldades no desenvolvimento das competências básicas.

Contudo, o novo cenário educacional, promovido pelo retorno da filosofia e da sociologia assinala a exigência de um projeto formativo mais amplo, que possa contribuir para aprendizagem significativa do aluno, auxiliando na melhoria da qualidade do ensino neste nível, consoante a esse objetivo que a instrução normativa nº 02/2011 no art.16 estipula que as instituições de ensino do Estado de Pernambuco, ofereçam a carga horária semanal de uma (01) hora-aula para esses conteúdos, aproximando o jovem dos conhecimentos filosóficos, favorecendo uma maior familiaridade. Essa iniciativa reflete na experiência em curso, pois os questionamentos iniciais observados nas primeiras aulas de filosofia na turma de 2010 do Pré-acadêmico *Superação*, por exemplo, indicando a preocupação com a utilidade deste conhecimento fora do processo seletivo, os conteúdos abordados, e com a falta de familiaridade com tais saberes.

No momento atual, as percepções dos jovens oscilam entre a *admiração* e *receio*, pois consiste na inserção de uma nova disciplina que não teve uma base sólida construída na educação fundamental. Tal realidade não difere de outros contextos, como

¹ <http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>

podemos observar na descrição de Rocha (2010, p. 42): “alunos ficam impresados entre admiração dos conceitos criados pela historia da filosofia e a exigência típica do pensamento filosófico de elabora problemas e criar conceitos”. As inferências feitas pelos alunos revelam aspectos das práticas vivenciadas nas instituições educativas da região, que aparenta manter o foco na historia da filosofia, secundarizando outros elementos próprios desta área, como a pratica do dialogo, e do exercício do filosofar, caracterizando a disciplina apenas como uma historia a ser contada, sem problematizá-la, o que revela que apesar da disciplina esta recobrando seu espaço na grade curricular, assinala para dificuldade da elaboração de uma proposta, e de uma pratica que atenda a especificidade filosófica. Agrega-se a esse indicativo, o “número reduzido de profissionais licenciados em filosofia atuando nessa área na Região, assinalando a exigência de um maior investimento na formação continuada desses educadores” (CAMPOS et al, 2010, p.6). Tal quadro dificulta a elaboração de uma proposta que possa garantir a essência do filosofar. De uma maneira geral, os discursos dos jovens ainda revelam uma visão mítica da filosofia e do filosofar: a imagem do filósofo grego, inerte em pensamentos, longe do mundo real, descrito em filmes, livros, nos ditados populares; imagens que tendem a favorecer uma visão distorcida da filosofia, primeiramente que ela esta vinculada apenas a matriz europeia. Tal compreensão se faz presente mesmo em jovens oriundos de *Escolas de Referência*², que funcionam em tempo integral, e oferecem uma proposta formativa diferenciada de outras escolas públicas da região.

Outro aspecto significativo desse debate refere-se às abordagens da filosofia assumidas pelos docentes. Mesmo entre esses jovens observa-se uma visão da filosofia distante da realidade latino americana, distante de suas vivencias. Os relatos revelam que mesmo diante de um novo contexto onde a presença da filosofia é mais acentuada em sua formação, a compreensão sobre sua importância para interpretação da realidade, sua expressão cultural fora da matriz europeia, são aspectos pouco abordados nas aulas, e que originam questionamentos e curiosidade nos jovens, que atualmente frequentam as aulas de filosofia no curso superação. Partindo da premissa que o contato prévio realizado no nível médio abre possibilidades para novas indagações, e preciso considerar a relação que “Filosofia e filosofar se encontram unidos, então, no mesmo

² Escola que funciona com 40 (quarenta) horas semanais, e conta com as disciplinas Filosofia e Sociologia em sua grade curricular.

movimento , tanto o da prática filosófica como o do ensino de filosofia” Cerletti (2009, p. 19). Essa compreensão é algo que integra a experiência do pensar em sua amplitude, uma vez que a negação do filosofar nega também a filosofia. Desta forma a prática assumida para aulas no curso versam pela união tanto da filosofia como do filosofar com base na realidade latino-americana, por ser o universo de apreciação e convivência do aluno, buscando aproximação tanto com a matriz filosófica europeia como dos saberes que se descortinam nesse continente. Por se encontrarem imersos numa experiência cultural marcada por uma linguagem significativamente distinta daquela hegemônica na educação formal, esses jovens ainda enfrentam a essa questão como expressão paradoxal de uma sociedade de configurações pós-modernas. Tal problemática adquire maior relevância quando se trata da formação de jovens que desejam ingressar na carreira acadêmica. As diferentes explicações para o fenômeno, assim como as possibilidades evidenciadas nesse processo, apontam para as contribuições da educação filosófica na formação. Tal conquista é representativa dos avanços na educação, o que nos remete a pensar no tempo que estes saberes foram negligenciados na formação dos jovens, constituindo-se num elemento a mais que se agregava a um contexto que desfavorece e exclui os jovens das classes populares, na sua tentativa de ingressar na universidade.

Nessa perspectiva, um dos grandes desafios é proporcionar aos alunos um diferencial em relação ao que a esta sendo vivenciado nessas instituições. O enfrentamento desse problema tem na cuidadosa elaboração de um planejamento de aula um excelente aliado. Além de resumir conteúdos solicitados em exames seletivos, busca-se assumir uma atitude pedagógica que alie o conhecimento filosófico à realidade cotidiana. Leopoldo; Silva (2001, p.10) alerta para este aspecto reprodutor nos currículos de Filosofia, sugerindo uma intervenção para mudança dessa postura: “Somente assim as filosofias do passado deixam de ser monumentos cristalizados com os quais mantemos uma relação quase fúnebre”. Referindo-se a esse papel do planejamento, Rocha (2010, p.48) afirma:

Parece ser evidente que o planejamento curricular em Filosofia deve levar em primeira conta o fato de ela ser uma disciplina que trata problemas e conceitos fundamentais, que ocorrem nos mais diversos aspectos da experiência humana. Esses problemas podem ser percebidos no cotidiano, e esse ponde de partida de uma atividade didática em Filosofia deve ser colocado na perspectiva da vida escolas; da mesma forma que a vida

cotidiana pode levada por nos com uma certa desatenção quando a problemas e conceitos fundamentais , a vida escolar pode ser mais ou menos pobre de atenção aos conceitos fundamentais que atravessam as aprendizagens. Precisamos elaborar metodologias que valorizem tantos os elementos do mundo cotidiano vivido e o mundo das vivencias e aprendizagens escolares.

A visão de Rocha (2010) expressa significativamente o que se buscou construir na experiência com o Pré-acadêmico *Superação*, na tentativa de um ensino da filosofia aliado ao filosofar. Porém, é preciso considerar os limites dessa proposta, e que estiveram presentes em nossa experiência. As questões que se descortinam nessa experiência, podem ser relacionadas ao modelo educacional estabelecido na sociedade brasileira. De uma maneira geral, as instituições de ensino ofereceram uma educação justificável, de cunho utilitarista, onde abordagem filosófica acaba subordinada a dimensão conceitual interligada as exigências dos processos seletivos. Dessa compreensão emerge também a indagação: nesse modelo educacional de caráter profissionalizante, qual seria o papel de um filósofo? Em que carreira, a não ser professor, encontraria utilidade para a filosofia? Aprender é um ato de vincular a carreira profissional ao que se aprende. Se não é empecilho para um bom emprego, não precisa ser abordado. Nessa perspectiva, a Filosofia no Ensino Médio esbarra na problemática da sua utilidade em face da profissionalização do jovem, e coloca em confronto os saberes, segundo a polaridade da utilidade *versus* inutilidade. Em relação a essa questão, é significativa a afirmação de Cerletti (2009, p. 46):

Mas a pergunta pela utilidade tem hoje, justamente um contexto que contribui a prefigurar seu sentido. Nos tempos em que vivemos, a palavra “utilidade” esta associada, fundamentalmente, com um valor de mercado, relacioná-la com a filosofia significaria estabelecer como a filosofia poderia instalar-se dentro desse mundo de circulação de mercadorias, dentro de sua produção e de sua reprodução.

Esse é um dos grandes obstáculos da trajetória do ensino da filosofia no curso preparatório: vencer a necessidade de justificar a disciplina neste contexto onde existe saberes mais “uteis” para ascensão no mercado de trabalho, que resulta de uma herança do ensino tecnicista do período ditatorial conforme descrito anteriormente, que ainda se faz presente nas escolas. Para isso, é preciso levar em conta essa dificuldade na elaboração do planejamento das aulas. Um dos caminhos é a formulação de uma proposta pedagógica que alie às exigências dos processos seletivos, a *experiência do*

pensar, através de temáticas filosóficas, com as quais se ocuparam os pensadores, sendo também indagações que a humanidade se faz em diferentes momentos da história. Dessa forma, além de buscar maiores índices de aprovação, meta assumida pelo curso, é possível desenvolver uma atitude reflexiva da disciplina. Nessa perspectiva, a metodologia do ensino, revela a relação que o professor tem com essa área de conhecimento, como afirma Cerletti (2009, p. 77): “Em cada atividade proposta, põe-se em jogo a relação que cada professor tem com o filosofar e seu ensino””. Assumir tal caminho significa acreditar no potencial da filosofia, não apenas para processos seletivos, mas para a formação humana.

3 – Prática docente e Ensino de Filosofia : Caminhos para o desperta do senso crítico.

O contato do aluno com a filosofia na escola assinala uma maior familiarização com a linguagem filosófica, com os pensadores europeus, porém alimenta a ideia de que se limita apenas a biografia dos filósofos e suas contribuições para historia. Lidar com essa visão é uma tarefa difícil para o professor e especialmente para o estudante-monitor. Nesses momentos é importante favorecer um encontro satisfatório do jovem com a filosofia. Avaliando essa questão, Cerletti (2009, p.80), afirma:

A responsabilidade do professor é conseguir que esse breve momento de contato com a filosofia seja significativo na vida escolar de um aluno. Se essas circunstâncias permitem, como viemos propondo, que os alunos cheguem a compartilhar o olhar sobre o mundo que os filósofos tem ou comecem a adquirir uma atitude filosófica, grande parte do esforço do professor filosófico estará justificado.

Um dos aspectos fundamentais na relação com o saber é a relação de confiança que se estabelece com a turma, quanto ao domínio conceitual, no trato com as temáticas abordadas; estar ciente das dificuldades dos alunos; construir com eles uma atitude filosófica. Desta forma, parece relevante que além do domínio do conhecimento é importante contextualizar; sempre colocar a filosofia situações cotidianas dos jovens, afastando a imagem do seu caráter unicamente abstrato, favorecendo uma maior aproximação entre esta disciplina e suas vidas.

Uma maneira de conduzir a essa compreensão é articular o debate conceitual com as questões que fazem parte da realidade dos jovens por meio de uma abordagem metodológica que considere seus saberes, esteja próxima de sua realidade. É possível, dessa feita, criar uma relação mais consistente com a filosofia. Diferente daquela postura que alheia ao mundo se detém unicamente em resumo das teorias europeias, pela utilização de conceitos que fazem parte de um universo distinto daquele. Nessa perspectiva, é importante considerar a metodologia que mediará à relação do jovem com a filosofia. Ela pode favorecer a motivação para a formulação e elucidação de questões ou conduzir ao alheamento.

Em nossa experiência, a construção dessa abordagem partiu de um análise das dificuldades e interesses dos alunos, respeitando os limites impostos como o tempo reduzido para disciplina que inicialmente era desenvolvida com duas (02) horas mensais, considerando que filosofar é realizar o exercício de um pensar aberto às múltiplas possibilidades, que assim se constitui quando somos capazes de levar em consideração outros caminhos, construídos por múltiplos olhares. Com efeito, e sendo essa experiência do filosofar realizada com jovens, é necessário ter em mente as diferentes experiências, considerando que a filosofia tem a função de montar e desmontar conceitos formados pela história e outras disciplinas instigando a busca de novas possibilidades. É o que nos indica a argumentação de Gallo (Apud PECHULA, 2003, p. 4), ao defender a Filosofia como “criação de conceitos”, exercício a ser realizado na própria aula de filosofia:

Aula de filosofia deve funcionar como uma oficina de conceitos, um local onde os conceitos historicamente criados são experimentados, testados, desmontados, remontados, sempre frente aos nossos problemas vividos. E também um local onde se arrisque a criação de novos conceitos, por mais circunscritos e limitados que eles possam ser.

Assim, a partir da nossa singular experiência, avaliamos que os estranhamentos em relação à filosofia; a dificuldade ao problematizar concepções que quebrem verdades estabelecidas vai se modificando ao longo desses dois (02) anos. Algo que evidencia com o aumento da carga horária para duas horas mensais, além das ações interdisciplinares em outros conteúdos, e participações em aulas extras organizadas pelos monitores.

O reconhecimento do potencial da filosofia pode ainda ser percebido nos resultados obtidos nas avaliações da experiência no término do curso, que atribuem uma

boa pontuação para os conteúdos abordados e para abordagem dos mesmos, paralelamente ao diálogo com a coordenação do projeto que reconhece a importância da filosofia para os processos seletivos e para formação do jovem. Diante disso observa-se um interesse maior dos estudantes, expresso no interesse pelas informações sobre pensadores de outros continentes – a Filosofia Latino-americana, a Filosofia nacional. Tais atitudes revelam a busca de maior aproximação com a filosofia, reconhecendo-a como algo acessível a sua vida. Os Jovens desejam integrar estas construções, encontrando nos pensadores e nas tendências as indagações próprias de sua gente, de suas origens. A exposição desta experiência indica com este interesse o indicio da conquista de nossos objetivos em trazer para o jovem uma filosofia acessível, edificadora do pensamento em todos os aspectos.

Considerações Parciais

O Ensino de Filosofia no curso Pré-acadêmico *Superação* insere-se num contexto de obrigatoriedade dessa disciplina no Ensino Médio, assim como a sua inclusão nos processos seletivos para ingresso nas Universidades Brasileiras. A história recente de inconstância e condição facultativa dessa disciplina tem dificultado a consolidação da sua identidade, do seu papel, dos pressupostos epistemológicos e metodológicos orientadores dessas práticas, assim como na definição de conteúdos curriculares capazes de responder a uma proposta formativa que realmente expressem o sentido do filosofar, pois durante o período ditatorial tais saberes foram suprimidos nas matrizes curriculares por seu potencial crítico, e nas décadas seguintes foram reintegrados as escolas mantendo uma condição facultativa nas propostas curriculares. Apenas no início do século XXI que a repercussão das lutas dos educadores aliado a constatação do baixo índice de desempenho dos jovens em outros conteúdos que exigem uma interpretação reflexiva fomenta o debate sobre retorno obrigatório de tais saberes.

Contudo o cenário passa por significativas mudanças com a presença da filosofia nas salas de aula, assinalando os primeiros contatos dos jovens com a disciplina, após um longo período sem ter acesso a essa formação. Tal contribuição favorece o conhecimento prévio dos alunos que participam das aulas de filosofia no projeto

Superação, entretanto os saberes construídos nesses espaços apontam para lacunas no que concerne a dimensão formativa da disciplina, que por sua vez está distante da lógica dos processos seletivos. Observa-se que aspectos significativos como o exercício pensar e refletir a realidade consiste em uma dimensão secundarizada pela abordagem histórica da matriz europeia, que orienta para o estudo da bibliografia dos filósofos como elemento primordial da essência do pensar. Nessa perspectiva a disciplina adquire um sentido histórico, que não investe na problematização dos conceitos, ao mesmo tempo, que não valoriza a própria identidade cultural latino-americano, seja na abordagem histórica ou como elemento reflexivo, conduzindo a uma interpretação errônea da impossibilidade de um pensar autônomo para este continente.

Partindo do pressuposto de que para torna-se filósofo é preciso primeiramente ser europeu, e embarca em um universalismo que não contempla essa realidade, pois esta integrado a uma época a uma região diferente da nossa, conforme assinala Zea (2005,p.379) “Toda filosofia tem emanado das necessidades mais imperiosas de cada período e de cada país, assim haverá de emanar a filosofia da nossa America”. Tal concepção não significa a ruptura com abordagem histórica e com a própria matriz europeia, no âmbito educacional, mas salienta a necessidade de ampliar horizontes para fundamentar as práticas de ensino e as propostas curriculares nas escolas, com intuito de garantir que a função formativa da filosofia possa se desenvolver integralmente na vida dos jovens, e não apenas no âmbito dos processos seletivos. Assumindo os desafios desse contexto buscou-se na experiência em curso um diferencial do que é realizado nas instituições, para atender a essa demanda formativa e consolidar uma proposta de ensino capaz de conciliar os objetivos do curso, que versa pelos índices de aprovação, e a formação filosófica do aluno, colocando-o em contato com a experiência de um pensar integrado as suas vivências.

Diante dos bons resultados obtidos com a prática assumida no primeiro ano da disciplina no Pré-acadêmico *Superação*, descortinam-se novos achados com base no conhecimento prévio do jovem em relação a filosofia, que por sua vez assinala o interesse pela descoberta de novos saberes, estimulando a curiosidade pelo pensar mais próximos de suas origens, orientando para a descoberta da filosofia nacional e latino americana.

Nessa perspectiva, foi possível elaborar uma abordagem metodológica capaz de expor conteúdos necessários os exames seletivos, e assinala uma dimensão formativa

assentada na égide popular latino americana. Dessa forma, e não obstante os desafios assinalados ao longo desse texto é possível realizar uma avaliação bastante otimista, em razão das conquistas alcançadas, assinalando a nossa esperança em relação à contribuição da filosofia na formação dos jovens das camadas populares nos próximos anos.

Bibliografia

- BRASIL. Lei nº. 9.394/96. Lei de *Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF:20 de dezembro de 1996.
- CAMPOS, Darlene Moura (et all). Filosofia no Ensino Médio : Desafios na Formação de Professores, *Pedagogía 2011* Encuentro por la unidad de los educadores. Palacio de Convenciones de La Habana 24 al 28 de enero de 2011, Disponível em: <http://www.pedagogia2011.rimed.cu/index.php>. Acessado em 23.05.2011.
- CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução de Ingrid Muller Xavier]. -Belo Horizonte: Autentica Editora,2009.(Ensino de Filosofia)
- GIOTTO, Joyce Mary Mello. A filosofia no ensino médio e as interfaces da legislação. In: RIBAS, Maria Alice Coelho et all (Orgs.). *Filosofia e ensino: a filosofia na escola*. Ijuí: Unijuí, 2005.
- INEP. Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira. <http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>. Acessado em 10.05.2012.
- LAGE, Allene Carvalho, CARAN, Helder, NOGUEIRA, Andresa. *O protagonismo de estudantes de origem popular para o acesso de jovens das classes populares na universidade pública: A Experiência Do Pré-Acadêmico Superação da UFPE - Campus Agreste*. I jornada de pesquisa e extensão, Campus do Agreste, Pernambuco ,2009.
- MAZAI, Noberto . RIBAS, Maria Alice Coelho . *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, V.2, n.1 , p. 1-13,2001*. Disponível http://www.capuchinhosrs.org.br/index.php?ir=Artigos&action=ler&id_noticia=2501 .Acesso em : 17 novembro .2010
- PECHULA, M. A. reflexões acerca da filosofia no ensino MÉDIO: O papel da disciplina e de seus conteúdos em sala de aula. Resulta da experiência com o projeto do Núcleo de Ensino (2003). Instituto de Biociências – UNESP – Campus de Rio Claro. Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003/Reflexoes%20acerca%20da%20Filosofia.pdf> Acesso em : 15 novembro.2010
- ROCHA, Ronai Pires. Ensino de filosofia e sensibilidade à ocasião. In: NOVAES, José Luís Correia et all (orgs.). *Filosofia e seu Ensino: desafios emergentes e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- SILVA, F.L (2001). História Da Filosofia, Formação e Compromisso. *Revista Trans/Form/Ação, Histografia da Filosofia*. Marília , outubro de 2001, Brasil, v.25, n.1, p.7-115.
- SANTOS, R. & ANDRIOLI, A. I. . Educação, globalização e neoliberalismo: o debate precisa continuar! *Revista Iberoamericana de Educación, Espanha, v. 35, n. 1, p. 1-14,*

2005. Disponível em: <www.rioei.org/deloslectores/905Santos.pdf>. Acesso em: 18 novembro. 2010.

ZEA, Leopoldo. *Discurso desde da marginalização e a barbárie; seguido de, A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. [Tradução de Luiz Gonzago; Acosta Espejo; Mauricio Delamaro; Francisco Alcidez; Candia Quintana]. Rio de janeiro: Garamond editora, 2005, p.488.